



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“O CASAMENTO” DE NELSON RODRIGUES E A RELEITURA  
PARA OS CINEMAS DE ARNALDO JABOR**

Lays C. Capelozi\*

Em se tratando de Nelson Rodrigues, é impossível ficar indiferente a sua obra, natural de Recife (PE) transferiu-se ainda muito jovem, com sua família, para o Rio de Janeiro, cidade na qual viveu até a sua morte, em 1980, e local aonde seu pai, ex-deputado federal, fixara domicílio, após ser perseguido politicamente. Mário Rodrigues, como jornalista trabalhou no *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt, e na década de 1920 fundou seu próprio jornal *A Manhã*.

Seu grande laboratório de experiência foi o jornal, lá ele experimentou todas as possibilidades, em 1944 deixou de lado a coluna de crimes e se tornou Suzana Flag, dona da coluna *Meu destino é pecar*, publicado no *O Jornal*, a coluna tinha um cunho de confissão, o pseudônimo era dramático e se dizia uma escrava do amor.. Myrna foi outro pseudônimo do dramaturgo, além de escrever a “mulher” se dizia “correspondente amorosa”, assim diversas mulheres mandavam cartas para dividir o sofrimento ou apenas pedir conselhos aquela mulher tão ferida pelo amor. O garoto que gostava de escrever sobre os amores interrompidos brutalmente, carregava o pecado do sexo em si.

Era péssimo no comportamento e as meninas me chamavam de maluco, coisa que me humilhava e me ofendia, Agora, com tudo ido era um garoto muito preocupado com os problemas do sexo. Eu não entendia

\* Mestranda em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa Linguagens, Estética e Hermenêutica, orientanda da Prof.ª Dr.ª Rosangela Patriota Ramos.

as manifestações dos sentidos, que começaram muito cedo em mim. Muito cedo que eu digo, é de forma muito forte. Então estabeleceu -se o conflito: era como se fosse outra coisa, outro ser, outra pessoa, que coabitasse comigo e que me levava a imaginar coisas, a sentir coisas, que eu achava completamente abomináveis. Embora eu seja uma vítima do sexo, eu sou muito inquieto. Sexo me inquietou muito, sempre. E me perseguiu com seu grilhão.<sup>1</sup>

Seu grande sucesso foi a coluna *A vida como ela é...*, que foi publicada por 10 anos interrompidos (1951 – 1961) no jornal *Ultima Hora*, Rodrigues mesmo já afirmou que algumas histórias contadas na coluna foram inspiração para algumas peças de teatro. A coluna era o misto da sua experiência como repórter policial e seus pseudônimos, e por mais que falamos ou ouvimos que o principal personagem era o cotidiano, estão enganados, pois o principal personagem é o casamento, como as pessoas se veem no casamento? Como convivem com o casamento? Como fogem do casamento. Deste modo todos os personagens, de todas as histórias são reprimidos sexualmente, vivem aquele velho dilema, o homem que não sabe equilibrar seu desejo carnal do amor e a castidade.

Esse é o paradoxo que encontramos nessa obra, um passo entre o interdito e o desejo, porquanto aquele instaura este. Nesse sentido, podemos dizer que, perante a obra, há uma castração simbólica de um objeto imaginário no qual a causa é o Real (segundo Lacan, sob três formas da falta do objeto – privação, frustração e castração), já que a parcela de renúncia exigida de cada sujeito que participa de uma sociedade tende a realizar-se no imaginário pelos personagens.<sup>2</sup>

O psicólogo Daniel Migliani Vitorello, estudou *A Vida como ela é...*, sua maior preocupação foi encontrar as diferenças da adaptação do jornal para a televisão, mas antes disso ele responde a outra questão, por que essa coluna é ainda é tão popular ? Porque quando dizemos Nelson Rodrigues, o nome da coluna é a primeira coisa que nos vem a cabeça? É lógico que o fato da coluna ter virado um pequeno seriado na Tv aberta tem peso, mas desde quando era lançada semanalmente no jornal, a popularidade já era grande, em sua maioria o público era masculino, mas o grande trunfo era a maneira como as histórias são contadas,

Dito de outra forma, *A vida como ela é...*, tantas vezes acusada de trágica e obscena, transforma-se, a partir desse pressuposto, ainda mais obscena na televisão, ao mesmo tempo em que, por uma curiosa

<sup>1</sup> RODRIGUES, Nelson. Nelson Rodrigues por ele mesmo. Organização Sonia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. pag.23.

<sup>2</sup> VITORELLO, Daniel Migliani. Mantenha Distância: O imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009, pag. 35

reviravolta tecnológica, essa mesma obscenidade e “tragicidade”, em consequência da repetição maciça das imagens, torna-se um lugar-comum.(...) Por outro lado, a televisão recria as representações da obra, produzindo, ao mesmo tempo, uma certa nostalgia do que estava escrito, pois faz com que seja horrendo o que é da ordem do trágico, faz inverossímil aquela parte da obra que nos tremer, porquanto o telespectador recebe os fatos sob os aspectos do espetáculo, mesmo sendo A vida como ela é...uma ficção.<sup>3</sup>

Casamento. Família. Amor. Sexo. Não é preciso ser um estudioso de Nelson Rodrigues para perceber que esses são temas muito caros ao dramaturgo, mas por que? Não cabe aqui apenas chamá-lo de obsessivo e pronto. Para entendermos essa questão, precisamos voltar um pouco tempo, mas precisamente na Idade Medieval, durante os séculos IX e XII, quando o casamento foi estabelecido como "Instituição divina", a partir do momento em que a Igreja passou a acolher o casamento, este passou a ser incorporado na liturgia da missa e ser associado a três palavras; *monogâmico, indissolúvel e sagrado*. Assim foi formulada algumas instruções sobre o casamento, mais a maior preocupação da Igreja em relação aos nobres era o costume do casamento entre familiares, assim a primeira e irrevogável condição foi a de condenar o incesto,

1)O casamento era uma instituição divina; 2) não se deveria casar por causa da luxúria, mas visando a descendência; 3) a virgindade deveria ser guardada até as núpcias; 4) os casados não deveriam ter concubinas; 5) deveriam respeitar a castidade das esposas; 6) o ato carnal não deveria visar o prazer, mas a procriação, ficando proibida a cópula no período de gravidez; 7) a esposa não poderia ser repudiada, salvo por adultério; 8) o incesto deveria ser evitado.<sup>4</sup>

"Olhe, mas não toque. Mas não prove. Prove, mas não engula..." essa frase retirada do filme Advogado do Diabo (1997) é uma síntese do homem pintado pela Igreja católica medieval, um homem fragmentado e atormentado por tentar equilibrar o amor a Deus e seu desejo carnal.

O fato é que Rodrigues é um homem com esse pensamento ultra conservador, mas ele utiliza um discurso contrário a isso, usando uma temática no qual todos vivenciam, quem não é regido pela moral judaico-cristão? Quem nunca sofreu o miserável tédio da carne?

<sup>3</sup> IBID. pag. 53.

<sup>4</sup> VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. São Paulo: Editora Ática, 1989, pag.29



A sua grande matriz é o casamento, é nesse abismo entre amor e sexo que Rodrigues se joga, tanto que quando decidiu se aventurar no teatro, em 1942 com *A Mulher sem pecado*, o escritor contou a história de Lídia, casada com Olegário, paraplégico e com certeza absoluta que a mulher o trai. deste modo tem como objetivo de pega-la no ato, mal sabe ele que nunca passou na cabeça da mulher traí-lo, mas com as constantes acusações do marido e as provas que ela precisa dar que o ama totalmente, a esposa o trai e ela conta pro marido, esperamos a separação, mas o contrário acontece, só assim ele percebe que a ama de verdade, ele se sente vivo dentro casamento.

*Vestido de Noiva* (1943) foi seu esplendor, Alaíde esta entre a vida e a morte, desta maneira as lembranças se confundem com seu passado, presente e as relações conflituosas com seu futuro marido Pedro e sua irmã Lúcia e também antes de morrer Alaíde leu o diário da prostituta Madame Clessi, o inconsciente faz parte do enredo, é por ele que percebemos que havia uma briga entre as irmãs pelo mesmo homem, Pedro. Não é por acaso, que é do dramaturgo a seguinte frase; " Só existe casamento perfeito por causa da cunhada". A peça foi dirigida por Ziembinski e a montagem feita por Santa Rosa, a peça foi o marco do teatro moderno brasileiro.

Se com *Vestido* ele conheceu a fama, com *Álbum de Família* (1945) conheceu a fama de tarado, visto que esta foi a peça em que ele debruçou sobre a família. Nesta peça Jonas, o pai, tem um desejo pela filha de 15 anos, o filho mais velho sente uma atração pela mãe, mas a mãe tem preferência pelo filho do meio, que ficou louco e anda nu pela casa. Ainda tem a Tia Rute que sempre amou Jonas. Com essa peça, Rodrigues “descobriu” a família burguesa com seus dramas, homens que não conseguem controlar o desejo carnal por outras mulheres, esposas que não amam seus maridos e se sentem presas, mas ambos têm a noção que casamento é indissolúvel e nem a falta de amor é motivo para se separar. *Álbum* é uma peça chave para pensarmos *O Casamento*, pois foi a partir desta que Rodrigues encontrou sua ferida, a família é o poço no qual o casamento se afunda, um poço escuro e cheio de lugares asquerosos.

Na década de 1950, Nelson inaugura, segundo Sábato Magaldi uma de suas principais fases do seu teatro, as chamadas *Tragédias Cariocas*, essas peças ganham maior visibilidade quando são transformadas em filmes na década de 1970 e 1980. Mas *O Casamento* surgiu de uma maneira inesperada, pois Carlos Lacerda, com quem Nelson tivera grandes brigas políticas e ideológicas, estava abrindo uma editora a *Nova Fronteira* e queria que o dramaturgo fosse o primeiro a ser publicado, assim Nelson escreveu o

romance. Quando Lacerda leu ficou horrorizado, em sua opinião era demasiado forte para o público e também não concordava com a visão que Nelson resolvera descrever aquela família.

Nelson não perdeu tempo e enviou o trabalho para outra editora, a *Eldorado*, no qual quando foi publicado, no ano de 1966. Rapidamente se tornou um dos livros mais vendidos da literatura brasileira, empatando com *Dona Flor e seus dois maridos* de Jorge Amado.

O romance gira em torno da família Uchoa Maranhão, principalmente do patriarca Sabino e do casamento de sua filha caçula Glorinha, é preciso ressaltar que o pai possui um carinho especial pela menina e que a protege das demais por achar um ato bonito o da menina de se casar virgem. Mas que isso, o livro mostra as 48 horas que antecedem este evento, no qual o pai descobre o que o futuro genro foi visto beijando um homem, a dúvida é para quem contar? A esposa contaria a todos. O monsenhor não entenderia a causa. Essa dúvida permeia a cabeça de Sabino, o fazendo lembrar o passado, principalmente a morte de seu pai e o juramento dele menino ao enfermo que seria um homem de bem. E assim o foi, Sabino se tornou um homem conservador, casou-se com Eudóxia por que era certo se casar, teve filhas, um negócio que prosperou e o colocou numa situação tanto econômica como social satisfatória.

Mesmo que o casamento seja o grande evento do livro, e a todo o momento nós nos perguntamos se o casamento irá ocorrer ou não, mas no fundo a figura de Sabino diz tudo sobre a figura da família, que por fora parece um sujeito fino, educado, rígido, mas por dentro é um homem destroçado por experiências sexuais frustradas que refletia na vida sentimental, era esse o retrato que Nelson queria mostrar, que mesmo uma família que tinha todos os artifícios para serem felizes e realizados, e por mais que o tentam não são, pois são vítimas de seus próprios desejos.

Apertou-a no peito, como num adeus. Como se o casamento, no dia seguinte, fosse a morte da filha. Beijou-a muitas vezes, na face, na testa, na orelha

(pela primeira vez, a beijava na orelha). Passou a mão pelas suas costas. E quase,

sem querer, ia acariciando as nádegas.

Desprendeu-se da filha:

- Fez o cabelo?

- Gostou?

- Uma beleza!
- Vim do cabeleireiro para cá.

Numa angústia que era uma delícia, agarrou-a pelos dois braços. E disse:

- Menininho!

Havia entre os dois uma linguagem de diminutivos, mas era a primeira vez

que ele a chamava de “menininho”. Não menina, não menina, mas menino.<sup>5</sup>

O foco dessa pesquisa é ilustrar a família que Rodrigues escancarou em suas peças e no romance, e a historiadora Adriana Facina, que se doutorou em antropologia, pode nos ajudar a entender esse movimento. *Santos e Canalhas (2004)* é uma análise sobre esse cotidiano que o dramaturgo tanto bebeu como inspiração. Num primeiro momento, ela se volta para Freyre para explicar a família patriarcal no Brasil Colônia e como funcionava o *pater família*.. Essa família vai saindo do rural e começando a habitar os centros urbanos e cada vez mais, o núcleo familiar se fecha em si, a rua torna-se uma ameaça, principalmente para as esposas e filhas.

Os filhos e a mulher são espécies de bens do chefe de família e, assim como os agregados, devem se subordinar à sua autoridade. No caso das mulheres, porém, o autor faz uma ressalva: embora se sujeitassem aos maridos e fossem condenadas a um sistema de reclusão, elas exerciam um papel importante no gerenciamento das coisas da casa, que exigia capacidade de comando e iniciativa. Portanto, a situação social das mulheres em relação aos maridos não seria de inferioridade, e sim de complementaridade.<sup>6</sup>

Mas Rodrigues não enxergava a família aristocrata como Freyre, e isto por causa do lugar de origem, Freyre acompanha as famílias que possuíam grandes propriedade de terra, o dramaturgo acompanhou a família de classe média no meio urbano.

As famílias de Nelson Rodrigues representavam a tensão entre os valores portados pelo modelo patriarcal como referência simbólica importante e os anseios de individualização, especialmente das mulheres (Carneiro, 1987: 73). Essa desagregação de um modelo mais englobante de família também se revela na dramaturgia rodriguiana através de pequenos detalhes, como, por exemplo, o fato de que em nenhuma de suas peças os membros da família comem juntos. Aliás, as pessoas das famílias rodriguianas praticamente não fazem nada em

<sup>5</sup> RODRIGUES, Nelson O Casamento. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1975. Pag. 202.

<sup>6</sup> FACINA, Adriana. Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pag. 105.



conjunto, nenhuma atividade cotidiana, a não ser despejar amor e ódio em si.

Mesmo que o dramaturgo tenha mostrado as rachaduras do patriarcalismo, as mulheres são as que mais sofrem em sua dramaturgia, primeiro que, em maioria, elas não possuem um emprego sério, sempre dependem de seus maridos ou se prostituem para conseguir sua própria renda, isto só ressalta que Rodrigues ainda enxerga a mulher como a dissimulada que carrega em si o pecado, só a beleza da mulher já é um sinal de sua impureza. O crítico Sabato Magaldi não compartilha dessa visão, pois

A intuição ficcional levou Nelson a pintar, permanentemente, a frustração feminina, consequência da sociedade machista brasileira. Ele não fez proselitismo, não levantou a bandeira das revoluções feministas: limitou-se a fixar o fenômeno, e o espectador que tirasse as suas conclusões.<sup>7</sup>

Temos como exemplo a peça *Dorotéia (1950)* uma ex prostituta que resolve voltar a casa das primas (viúvas) para reativar algum laço familiar, mas as três primas nunca aceitaram a beleza da prima nem seu passado impuro. Para ser aceita, Dorotéia entra num caminho sem volta, um caminho um tanto tortuoso, abdica do prazer, o amor aos homens e sua beleza para ser aceita na família, abraçando o pudor.

Se Nelson Rodrigues é um homem pessimista e tem uma visão do ser humano lutando contra seus demônios internos e muitas das vezes ele perde essa batalha, seu olhar com a mulher é mais cru e duro ainda,

Se seres humanos em geral são vistos como dissimuladores, as mulheres são ainda mais. Por outro lado, justamente por serem amorais e por possuírem uma natureza em que a emoção predomina sobre a razão, para o nosso autor, as mulheres seriam mais inocentes e teriam maior capacidade para o amor.<sup>8</sup>

Esse pensamento é a voz do seu pensamento medieval, já que foi nessa época em que a Igreja Católica fez a interpretação no qual o pecado de Adão e Eva estava ligado ao sexo, esta ideia se difundiu, tornando a mulher, aos olhos da Igreja, fraca e dissimulada,

<sup>7</sup> MAGALDI, Sabato. Nelson Rodrigues: Dramaturgias e Encenações. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, pag. 25

<sup>8</sup> FACINA, Adriana. Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pag. 270.

portanto precisava de um homem para tomar conta e ao mesmo tempo se proteger do pecado,

Enfim, como nos lembra Le Goff, a sexualização do pecado original foi uma invenção cristã, pois no *Genesis*, aparecia ligado ao conhecimento e à obediência devida de Deus, e não ao sexo. Seria por ceder à tentação de conhecer, por querer-se igualar a Deus e por desobedecer a ele na busca desse conhecimento que, na narrativa bíblica, o homem teria pecado pela primeira vez. (...) A interpretação “sexualizada” do primeiro pecado marcou decisivamente o conjunto das éticas cristãs, dela resultando a concepção de um mundo entevado pelas aflições da carne, a visão do homem como um ser fragilizado pelo desejo e a identificação da virgindade, pureza e salvação.<sup>9</sup>

Magaldi também nos mostra outra situação comum dentro da obra de Rodrigues,

Outro constante que me intriga, na dramaturgia rodriguiana: as variações numerosas do motivo dramático de duas irmãs (ou primas) envolvidas com o mesmo homem(...)Certa vez perguntei a Nelson a razão desse gosto e ele respondeu que achava lindas duas irmãs apaixonadas pelo mesmo homem.<sup>10</sup>

Como bom homem medieval, o homem devia pagar por todos esses pecados cometidos, é o maior castigo é a morte trágica,

Encontrando desfechos trágicos para os textos, até mesmo no sentido popular do qualificativo, representaria uma “fatalidade”, porque a morte encerra um conflito. A preferência por ela, define um temperamento, ainda mais que ninguém expira por velhice, numa cama, cercado pelo conforto espiritual da família. Os crimes, em tantos casos, ocorrem dentro da própria família, no círculo das relações incestuosas.<sup>11</sup>

O exercício deste artigo foi tentar compreender a mente de Nelson Rodrigues, suas referências para escrever tais textos, deste modo notamos que sua ideia de casamento, amor, desejo e mulher bebem nos escritos medievais da Igreja Católica. Esse grande dilema de ser um homem com uma mente conservadora e usar de artifícios não conservadores para escrever sua opinião sobre as relações e desejos humanos.

<sup>9</sup> VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. São Paulo: Editora Ática, 1989, pag. 83.

<sup>10</sup> MAGALDI, Sabato. Nelson Rodrigues: Dramaturgias e Encenações. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987, pag. 23.

<sup>11</sup> IBID, pag. 34.





## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FACINA, Adriana. Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

MAGALDI, Sabato. Nelson Rodrigues: Dramaturgias e Encenações. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987

RODRIGUES, Nelson. O Casamento. Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 1975.

\_\_\_\_\_. Nelson Rodrigues por ele mesmo. Organização Sonia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no ocidente cristão. São Paulo: Editora Ática, 1989

VITORELLO, Daniel Migliani. Mantenha Distância: O imaginário obsessivo de Nelson Rodrigues. São Paulo: Annablume, 2009

